



A CRIAÇÃO AUDIOVISUAL EM POTÊNCIAS DE AFETOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Autores. 1Keyme Gomes Lourenço. 2Tiago Amaral Sales. 3Roberta Paixão Lelis da Silva. 4Nicole Cristina Machado Borges. 5Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho. 1Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - Brasil, keymelourenco@gmail.com. 2Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - Brasil, tiagoamaralsales@gmail.com. 3Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - Brasil, robertalelis@outlook.com. 4Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - Brasil, nicolecristinam@gmail.com. 5Universidade Federal de Uberlândia - Brasil, lestevinho@gmail.com.

Tema. Eje temático 3.

Modalidad. 1. Nivel educativo universitario

Resumo. Este artigo consiste em uma cartografia realizada a partir de uma oficina de criação audiovisual efetuada na disciplina Biologia e Cultura, componente curricular obrigatório na graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia. Os(as) estudantes - futuros licenciados(as) e prováveis professores(as) de Biologia e Ciências - foram colocados em movimentos de criar vídeos que relatassem suas experiências, pensando na produção audiovisual a partir dos afetos. A oficina permitiu a construção de uma aula-apresentação a partir do sensível, permeada de afetos diversos que acolhessem os estudantes no primeiro dia de aula on-line em plena pandemia de covid-19, criando um território potente para os encontros.

Palavras-chave: Cartografia, Formação de Professores, Educação e Cinema, Linguagem Audiovisual, Disciplina Biologia e Cultura.

Resumen. Este artículo consiste en una cartografía realizada a partir de un taller de creación audiovisual efectuado en la disciplina de Biología y Cultura, componente curricular obligatorio en la licenciatura en Ciencias Biológicas de la Universidad Federal de Uberlândia. Los(las) estudiantes - futuros licenciados(as) y probables profesores(as) de Biología y Ciencias - se pusieron en movimiento para crear videos que relaten sus vivencias, pensando en la producción audiovisual basada en afectos. El taller permitió la construcción de una presentación-clase basada en lo sensible, impregnada de diferentes afectos que acogieron a los alumnos en el primer día de clases online en medio de la pandemia del covid-19, creando un territorio potente para los encuentros.

Palabras-clave: Cartografía, Formación de Profesores, Educación y Cine, Lenguaje Audiovisual, Disciplina Biología y Cultura.

Introdução

No ano de 2020 fomos todos surpreendidos por mudanças-virais que alteraram drasticamente nossas rotinas. A pandemia de covid-19, nos colocou como necessidade a implementação cotidiana de diversas medidas para nos proteger de contágios e adoecimentos. Máscaras, álcool em gel e distanciamentos sociais começaram a fazer parte do nosso cotidiano, das nossas formas de viver.

Tivemos que aprender a nos encontrar de outras formas, o que também fez parte do cotidiano educacional. O ensino remoto foi colocado como alternativa possível e segura para as aulas na graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU),



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

território no qual nos situamos e do qual falamos. De forma coletiva e em matilha¹, começamos a pensar em possibilidades de lidar com as diferenças existentes em um ensino não-presencial em tempos de crise, doença, medo e desconhecimento do futuro.

Como criar um ambiente de aula-afetiva que nos possibilitasse encontros potentes em distâncias-físicas? Conseguiríamos nos afetar de corpo inteiro nas aulas? Mesmo já habituados com a presença de tecnologias digitais em nossas vidas, tudo era novo para nós: o vírus, a distância, o ensino remoto.

A disciplina Biologia e Cultura, componente curricular obrigatório para os(as) licenciandos(as) em Ciências Biológicas da UFU, tem como foco potencializar processos criativos em conexões entre biologia-cultura-arte. “Há provocações, fazer provocativo, costuramos e bordamos enquanto conversamos [...] A criação tem que ser sentida. Afetar e ser afetado. [...] Transformam objetos em coisa pelo movimento que o audiovisual permite” (Estevinho, 2020, p. 160). Na disciplina Biologia e Cultura também discutimos artigos de sociólogos(as), filósofos(as), antropólogos(as), artistas, biólogos(as) educadores(as) e apreciamos materiais visuais como filmes, fotografias, foto-livros, pensando sempre nas conexões (im)possíveis com as ciências e suas possibilidades de ensino, especialmente porque mostramos que o conhecimento biológico é uma construção histórica-social-cultural: “a biologia tem uma história que não é natural” (Santos, 2000).

Sobre a disciplina Biologia e Cultura, em suas multiplicidades de afetos e experimentações curriculares, Estevinho (2020) comenta sobre as produções em experimentações que perpassam por toda a disciplina, enfatizando que o saber provocativo atravessa todos os trabalhos:

Para criar esses trabalhos em Biologia e Cultura é preciso usar outras linguagens, não apenas a escrita, incluir imagens. Ao fugir das palavras e priorizar as imagens, o sentir aparece. E a produção é para isso. A leitura é para isso. A fotografia é para isso. A criação audiovisual é para isso. E para isso, é preciso estar aberto para os fluxos que nos atravessam. (Estevinho, 2020, p. 161).

¹ Participamos do grupo de pesquisa *UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida*, onde exercitamos o experimentar do pensamento da diferença coletivo, como uma matilha de lobos que uivam para lua. No UIVO trabalhamos com a potência do encontro entre a arte e a vida, em movimentos de criações coletivas, gerando um agir sempre em experimentação. No trabalho intitulado “Potência do uivo para existências singulares em matilha”, que apresentamos no “II Coloquio Internacional Red Estudios Latinoamericanos Deleuze y Guattari: ‘Qué es lo que puede un cuerpo. Luchas minoritarias y líneas de fuga en América Latina’ em Valparaíso, Chile enfatizamos: “Cansados de las charlas comedidas, del lenguaje culto e impersonal, nos unimos por el sentimiento de que no siempre nuestros deseos caben en las disciplinas y áreas de conocimientos predeterminadas. No solo se trata de estudiar, se trata de querer crear en lo que se refiere a vida, instigados por encuentros con personas, ideas, conceptos, cosas, ganas. Hacer de la vida obra de arte; del arte proceso vital.” (Vaz & Estevinho, 2020, p. 15). Para mais informações sobre o grupo, é possível acessar sua página oficial na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7010033678881141>> e também no Instagram <<https://instagram.com/uivomatilha>>.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

A partir da criação audiovisual, pensamos em experimentações curriculares por meio dos afetos. As produções audiovisuais abrem brechas, são como linhas de fuga², dobram o eu para dentro de si, não para um isolamento de si, mas por uma multiplicidade de si que emerge das-pelas imagens, pelas surpresas que as imagens provocam.

Antonio Carlos Amorim (2020), no artigo “Diagramas para um currículo-vida” abre pensamentos “para um currículo que pode sonhar, imaginar, escrever e inventar vidas outras” (p. 407). Inspirados no autor, nos colocamos a pensar em um currículo vivo, em movimentos: “Um currículo-texto-escrita-vida acontece” (2020, p. 409). Um currículo que aconteça através das multiplicidades, instaurando diferenças e desaparecendo-se de representações (Amorim, 2020).

Partindo da ideia de currículo desenvolvida por muitos autores brasileiros que trabalham com a ideia de currículo como uma construção discursiva, Amorim (2020) questiona: “Haveria espaço para uma transição entre o currículo territorializante, aquele que finca os pés novamente em certos tipos de delimitação e margens, para o currículo aberrante?” (Amorim, 2020, p. 407). Talvez, um caminho possível seja, como propõe Amorim (2020), pensar em um currículo em devires, em devir-outro³.

Potencializando um currículo devir-outro, começamos as aulas no formato on-line com uma oficina de produção audiovisual que pudesse ser um disparador de processos criativos, possibilitando um compartilhar nomes, vidas, desejos. Quatro pós-graduandos(as) em educação realizando o estágio em docência no ensino superior, uma professora universitária e diversos(as) estudantes em encontros. Todos em movimentos de “colocar a mão na massa” e criar um vídeo que nos apresentasse de forma livre, dialogando com nossos cotidianos em tempos pandêmicos, nossos desejos, dores, descobertas.

Para delinear estes trajetos percorridos, organizamos o texto em quatro movimentos. No primeiro, registramos algumas reflexões acerca da criação em audiovisual como possibilidade de movimentar afetos e potencializar encontros. No segundo, comentamos as diferentes etapas da construção da oficina. No terceiro, percorremos as produções textuais do Diário de Bordo elaborado pelos estudantes em formação durante a disciplina para traçar uma cartografia dos afetos. Inspiramo-nos nas cartografias sentimentais de Suely Rolnik (2016) e nos movimentos de pesquisa cartográfica que acontecem em trajetos pelos afetos e potências que permeiam um território. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o audiovisual, o ato de criação e a educação.

Gilles Deleuze (2007) nos ajuda a pensar nas produções audiovisuais nas sociedades modernas e nas suas conexões culturais, sociais, econômicas e educativas como habitantes de um mesmo plano conectadas pelo rizoma, por isso,

² Para Deleuze e Guattari (1995) as linhas de fuga são movimentos de desterritorialização e de desestratificação, causam rupturas. E juntas com as outras linhas – as de articulação ou de segmentaridade que provocam estratos e territorialidades, compõem os agenciamentos. Pensamos as produções audiovisuais pelo agenciamento e como tal se constituem em multiplicidades, se abrem em rizomas.

³ Sobre o devir e currículo, Amorim (2020, p. 412) afirma que: “O devir está entre duas multiplicidades onde uma não se torna a outra. É como uma linha que passa entre dois pontos distintos e que não é constituído por esses. Como focos de luz que se cruzam. Há apenas a desterritorialização. A linha que separa a bipolaridade, como o hoje e o amanhã, o aqui e o lá, o antes e o depois, aparece como uma terceira parte e se constitui o devir-outro. Há então uma zona de indiscernibilidade onde as três partes se encontram. Como as multiplicidades do fora e do dentro, onde um não é a rejeição do outro e sim coexistem em uma relação, em uma dinâmica. O dentro é a dobra do fora. Essa subjetividade do currículo é assim produzida, é a interiorização do fora, é o encontrar o outro dentro de si próprio. As coisas se tornam outras continuamente. O devir-outro são eventos experienciais da vida, os devires múltiplos acontecem no meio.”



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

consideramos essencial uma educação que possibilite, no processo de formação inicial de professores e professoras, visões rizomáticas e afetivas do universo multimidiático. Criar em audiovisual faz parte do nosso cotidiano e faz territórios-imagens que afetam nossas relações, nossas vidas e os processos que permeiam os caminhos-curriculares da nossa formação.

O ensino que pensa em mídias-afetos

A autora Eloiza Gurgel Pires (2010), em seu trabalho *O audiovisual e possíveis experiências em espaços educativos*, comenta que vivemos em uma sociedade midiaticizada e que, a todo momento, criamos conexões com diferentes saberes e com múltiplas formas de mediação, difusão e ramificação desses saberes. As tecnologias audiovisuais não só inauguram a todo tempo novos artefatos audiovisuais e novos modos de fazer audiovisual, como também introduzem outras dinâmicas em que o tempo e o espaço podem ser reelaborados, reescritos, recriados, produzindo assim novas formas de relacionamento entre as pessoas e o mundo (Pires, 2010).

O pensamento em audiovisual nos desafia a reconhecer novos territórios pelo quais emergem outras culturas, novos modos de ler, ver, assistir, ouvir, pensar, imaginar e aprender. Nos espaços de formação, como o de uma disciplina, a produção audiovisual atravessa da dimensão emotiva à fabulativa, da passagem das histórias aos mitos, criando ficções, possibilitando a entrada de elementos afetivos e estéticos outros na disciplina. A todo tempo questionamos os caminhos, os territórios, as apropriações, significações e ressignificações do audiovisual nas criações, e dos mundos que a partir daí podem ser inaugurados. Ficcionalizando.

A arte audiovisual nutre processos de aprendizagem permitindo a entrada de outras formas de perceber o mundo pelos afetos. Como comenta Deleuze (2007, p. 188), pelo cinema abrimos caminhos para que a razão não seja a única forma de conhecer o mundo, o cinema se torna um discurso operando na realidade e reúne o antes e o depois nas suas imagens num devir, assim ele rompe com a representação. As leituras de Deleuze e Guattari nos motivaram a pensar: o que pode uma formação de professores(as) que reconhece a importância dos afetos na construção de conhecimentos?

Quando falamos de potência, falamos no sentido de relações-energéticas, de forças que agem umas sobre as outras, em afetos. Percebemos a vida como uma dança constante entre encontros e relações. Assim, em conexão com Amorim (2007) e seu trabalho que busca aproximar, tensionar e potencializar os encontros entre cinema e educação, nos colocamos em movimento de “pensar a educação como signo no meio, num campo de forças e vetores da arte” (Amorim, 2007, p. 6).

Em buscas de potências e forças, elaboramos uma oficina para provocar a criação em audiovisual como dispositivo de fala sensível a respirar por janelas e telas e câmeras. Oficina como disparador, “disparador de cenários”, como comenta Patrícia Dalarosa (2011) em sua dissertação, *Pedagogia da Tradução: entre bio-oficinas de filosofia*. Disparadores-oficinas que discutem de algum modo o pensamento da diferença pelo afeto, que revivem os cenários e produzem processos criativos em pesquisa através de oficinas “que pensam a educação *na* e *com* a vida” (p. 13).

O ensino que pensa em mídias-afetos

Apresentando a oficina

Nossa oficina foi dividida em momentos síncronos, todos(as) juntos(as) ao mesmo tempo na aula, e outros momentos assíncronos, a sós, em nossas casas, apartamentos, e... Nossos momentos juntos(as) tiveram o objetivo de movimentar e potencializar o pensamento para a criação. O objetivo das produções audiovisuais foi criar um recurso que pudesse falar de nós, das nossas experiências, e que também servisse como instrumento para a formação de conhecimentos e criação de materiais audiovisuais para esta finalidade.

Quem são os estudantes que cursaram Biologia e Cultura remotamente, e, paralelamente vivendo suas primeiras experiências em uma pandemia que alterou totalmente suas rotinas? É possível falar de nossas experiências? Demonstrar e capturar os trajetos que compõem a vida de cada um através de objetos, sensações, lugares, trajetos, e...

Para aguçar o processo criativo e permitir que a fabulação tomasse conta das imagens, solicitamos que os(as) estudantes escolhessem objetos que estavam próximos deles(as) e que, de alguma maneira, pudessem contar uma história da vivência nestes tempos de pandemia. Além dos objetos, cada estudante deveria escolher três palavras companheiras daquele momento. De posse destas palavras e olhando para as imagens, uma frase deveria ser escrita. Os objetos escolhidos deveriam ser transformados em desobjetos⁴ pelos(as) estudantes com auxílio dos recursos da própria câmera, e todos(as) usaram o celular. Estes elementos disparadores foram uma espécie de roteiro de produção audiovisual.

Pequenas dicas e cliques...

Levamos aos alunos(as) algumas sugestões e dicas de como produzir o audiovisual, tais como: gravar pelo celular utilizando os recursos disponíveis para criar um take único de vídeo apenas com a opção de 'pausar'; fazer uso do *zoom*, para gerar efeitos de proximidade, fazendo com que os objetos aparentem serem maiores ou menores, aumentando os planos possíveis e incluindo camadas-profundidades. Chamamos a atenção dos(as) estudantes também, para o enquadramento e desenquadramento, assim como foco e iluminação. Algumas questões foram discutidas com os(as) estudantes, com a intenção de gerar disparadores que auxiliassem na produção, sendo elas:

Como podemos usar do audiovisual para criar uma narrativa? Qual a paisagem que você mais visitou na quarentena? Pense de qual janela você vê o fora. Mentalize ela. Se você tivesse que se apresentar para sua janela, como seria essa apresentação? Se você tivesse que se apresentar pela janela, como seria? Pense nas pluralidades de vidas e devires da nossa turma aqui na janela, janelas-virtuais, todos e todas em movimento, em singularidades. O que não poderia faltar?

Como tratamos de filmes e criações audiovisuais, aproveitamos e questionamos a presença deles na vida e rotina de cada um(a) dos(as) participantes durante a pandemia. Perguntamos aos estudantes quais as produções audiovisuais - filmes, séries, documentários, canais de televisão, dentre outros - que mais foram assistidas nos últimos tempos? Sobre o que elas

⁴ A palavra desobjeto é usada no sentido dado pelo poeta Manoel de Barros. "Os desobjetos de Manoel de Barros são aqueles que perdem sua função originária. Não como os de um museu - que perdem sua função ao serem deslocados para uma vitrine -, mas por incorporarem novas funções (poéticas, camaleônicas), que, pela imaginação do menino, *trans*-figuram-se em outras potências" (Uzêda, 2009, p. 53).



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

falavam? Que histórias contam? Será que conseguimos nos ver/existir pelos/nos/com filmes, séries, vídeos e canais que vemos/assistimos?

Assim como o audiovisual, os objetos se tornaram nossos companheiros de pandemia. Em um exercício de (re)lembrar quais objetos melhor conectam com nossas vidas e experiências, nos propomos dar voz a esses objetos em nossos vídeos. Palavras, substantivos, adjetivos, imagens, janelas, cenários, desafios... juntos formando um vídeo de até um minuto que falasse por nós ou conosco. Quais e quantos mundos cabem em um minuto?

Para auxiliar os(as) estudantes a registrar o processo de criação do audiovisual solicitamos que escrevessem diários de bordo, provocando-os(as) com as questões: Quais foram os conflitos de produção que surgiram ao gravar os *takes*? Como sua produção partiu do seu pensamento e se transformou em vídeo? É possível simular o caminho que esse “fenômeno percorreu?” Pelo que o pensamento precisou passar para virar a sua ideia de filme?

Todas essas questões compõem a produção do Diário de Bordo, que será cartografado na próxima seção.

Processos criativos e(m) cartografias de afetos

O que é afetivo nas imagens produzidas pelos(as) estudantes de Ciências Biológicas? Imagens do chão, com piso, com concreto, com calopsita. Imagens de quintais, que registram experiências cotidianas. Imagens palavras, imagens janelas⁵ e imagens em casa. Os registros são disparadores que despertam poéticas dos sujeitos em formação lá envolvidos, estudantes e professores(as), em uma educação poética, em um ensino afetivo.

Assista nossa produção audiovisual elaborada a partir desta atividade apontando a câmera do celular para este QR CODE:



Nestas experimentações de educações a partir do sensível, dos afetos e potências que acontecem por meio dos encontros, poéticas-afetivas emergem das imagens e sons a partir da proposta da oficina-acolhimento. Migramos de momentos na aula em que todos os(as) alunos(as) se encontravam com as câmeras fechadas para outros em que abriam-se, compartilhando suas experiências nestes territórios pandêmicos. Para dialogar com as produções dos estudantes e compor nossas

⁵ Sobre as janelas possíveis de serem abertas em territórios pandêmicos, sugerimos o nosso texto “Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisador” (Sales; Vaz; Garlet; Estevinho; Lourenço & Borges, 2020).

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

cartografías, apresentamos cinco narrativas-relatos extraídas do Diário de Bordo, elaboradas pelos(as) estudantes⁶ após a oficina de produção audiovisual.

“Eu pensei no começo em abrir a câmera e a sair gravando e falando tudo que me vinha à mente, mas vi que esta maneira era errada, pois queria mostrar o que realmente sou, mesmo não dominando o assunto por completo, tentei mostrar meu dia a dia e como estava enfrentando estes dias tão difíceis. Tive dificuldade em falar pois sou tímida e não tinha muita prática em fazer vídeos sobre mim. Eu fiz um roteiro, antes de começar a gravar, escolhi a música. Todos os dias eu cuido das minhas suculentas e cactos, para algumas pessoas pode ser que isso seja insignificante, mas para mim é muito importante, pois me ajuda com a ansiedade. E assim tive a grande ideia de gravar um vídeo com minhas plantinhas, e no final deu tudo certo.”

Neste primeiro relato percebemos a potência da experiência da estudante no processo criativo. Neste fazer-audiovisual, ela entrou em contato com a ansiedade, a incerteza do momento-pandêmico, a timidez e a ausência de práticas na produção de vídeos. Da incerteza, um desafio. Do desafio, a possibilidade de criar algo novo, alargando limites e superando desafios através dos afetos. Retomamos aqui os desobjetos, o acalento encontrado no cuidar das suculentas, objetos que, quando de encontro a corpos, geram potências.

Notamos o caos de produção, no início do relato, turbilhão de ideias, mas prevalece a necessidade de uma mínima organização, um roteiro, mas será que somos capazes de nos colocarmos em roteiro, nos “roterizar”? Questões que não tínhamos a pretensão de responder, pois sabíamos que no final os estudantes perceberiam que a calma é a melhor aposta, pois “... deu tudo certo”.

“Passei dias tentando responder e não consegui definir algo único e polido sobre quem sou, pois sempre estamos em mudança. A cada dia que passa mudamos um pouco fisicamente e mentalmente. Então para trazer quem eu sou, fui atrás de mostrar um pouco sobre quem eu fui.”

Quem somos? Quem fomos? Quem seremos? Com esse relato, podemos observar e sentir a dificuldade que perpassa o relatar a si mesmo. Tentar falar de si requer uma análise não só sobre o que somos, mas sobre o que fomos. Somos seres múltiplos, em eterno fazer-se e desfazer-se, em devir, nos (des)construímos todos os dias. Falar de si é algo que tensiona as noções prévias, desestabilizando-as, e ganhando outras proporções pela possibilidade de falar através de produções audiovisuais.

Construir aulas pensando no “currículo-texto-escrita-vida” como apontado por Amorim (2020), com oficinas e produções, criam conexões e danças entre o ensino, professores(as) e estudantes. A aula vira um palco que é de todos(as). Pela oficina podemos trilhar percursos que nos permitem improvisar, desterritorializar, nos entregando ao imprevisível, às múltiplas possibilidades de narrativas audiovisuais e(m) criações que os encontros nos trazem e nos afetam.

“Resolvi fazer algo improvisado, porém, sem deixar de pensar antes o que eu queria, qual a minha intenção. Tentei gravar da forma mais natural possível. Sou bastante tímida e fechada, a atividade então foi um exercício que me

⁶ Os(as) estudantes, ao participarem da oficina, assinaram um termo cedendo o direito de uso de suas produções escritas e imagéticas para criações acadêmicas futuras, como deste texto. Omitimos qualquer informação que possa identificar os(as) estudantes nestes trechos.

deixou bastante desconfortável e me tirou do meu local de conforto para falar coisas sobre mim e mostrar em vídeo algo sobre mim. Sair da minha zona de conforto ajudou a trazer ideias enquanto eu improvisei...”

O relato acima retirado de um dos Diários de Bordo, mostra que a estudante discorre sobre o improviso como método para criação audiovisual. O improviso em audiovisual não significa despreparo, ao contrário, para que nós possamos convocar nossas potências criadoras, precisamos de técnicas, de repertórios, dos territórios e sua capacidade de fazer conexões.

“Acho que minha maior dificuldade foi deixar o vídeo mais natural possível, imagino que falar para uma câmera, que é algo que eu nunca havia feito para fins educativos. Não houve um planejamento específico para esse fim, pois não conseguia ter ideias, logo o que viesse na minha cabeça eu já gravava em muitas partes separadas, por isso foram necessárias muitas edições para uniformizar mais os formatos dos vídeos gravados. Não consigo pensar em como fiz especificamente as gravações, acho que foi de uma forma muito aleatória. Acho que o pensamento mais importante na composição desse vídeo foi a continuidade e fluidez de um vídeo de acordo com seu áudio, e para um vídeo de apresentação, introdução, imagino a comédia como um ótimo complemento.”

Questionamentos referentes ao processo de produção audiovisual vão surgindo, tanto em relação a uma certa naturalidade de um vídeo, como o direcionamento deste para fins educativos. Uma criação experimental sem planejamento prévio é engendrada a partir da improvisação, do caminhar-no-escuro através do que se apresenta como novo. “Continuidade” e “fluidez”, palavras dos(as) estudantes, deram corpo a um vídeo-apresentação permeado pelo humor ao falar de si em tempos duros de isolamento, distância e incerteza pandêmica.

“Meu primeiro pensamento quando foi proposto gravar o primeiro vídeo de até 30 segundos, utilizando o objeto que mais me representa, eu achei que 30 segundos seria pouco para dizer sobre mim, e o segundo momento parecia a eternidade. Os questionamentos que tive eram se daria conta, se entendi de fato a atividade e o que eu gravaria. Comecei a escrever aquilo que eu queria que as pessoas soubessem sobre mim, pensei na terra, no barro e nas folhas. Peguei o celular e andei pelo quintal de casa filmando tudo que faz parte de mim e me descrevia de alguma forma. Era óbvio que não caberia tudo em um vídeo de 30 segundos, então cortei e compartilhei uma parte. Nessa segunda atividade tive a oportunidade de juntar todos os os vídeos que filmei e compartilhar com a turma.”

Colocar-se em movimento de criar um vídeo é pensar no tempo de duração, espaços de gravação, conteúdos, formas, sons, narrativas. Ao perpassar as experiências subjetivas dos estudantes, estas produções ganham outras velocidades, uma vez que foram colocados em movimentos de pensar sobre suas vidas, memórias, vivências e desejos. Potências diversas de um criar a partir de si, dos seus caminhos, pensando sempre em uma educação-sensível, em uma aula-acolhimento que crie ninhos, territórios seguros em meio às ruínas de tempos incertos que mudam em grande velocidade.

A aula como criação, encontros com imagens e sons

Vivemos em um período que, a todo momento, somos atravessados por mudanças conceituais, epistêmicas e metodológicas que desafiam a nos (re)inventarmos-nos como educadores(as) em biologia e ciências, no ensino das múltiplas formas de vida, como “Vidas que ensinam o ensino da vida” (Ferreira; Chaves; Amorim; Gastal & Bastos, 2020). Professores(as)-criadores(as)



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

de si próprios e do mundo, de muitos mundos, são potências em nossa sociedade permeada por tecnologias, por imagens, pelo audiovisual, pelo cinema...

A partir das leituras de Amorim (2020) e de nossas experimentações-aulas-oficinas, em movimentos de criação-audiovisual, propomos um deslocamento conceitual para pensarmos em um *currículo-filme-audiovisual-vida*. Um currículo que seja inventivo, mutante e múltiplo, criado nos processos de produção audiovisual, rizomando vivências, em movimentos aberrantes. Neste currículo, com as imagens, sons e movimento, percebemos potências para afetamentos múltiplos em territórios férteis para criar outras possibilidades de uma aula, de aprender, de ser estudante, de ser professor(a), e...

A presença da criação audiovisual em espaços educativos movimentam possibilidades de apropriarmos-nos das culturas midiáticas, e, com elas, produzir novos espaços que ressignificam a formação curricular, dando vazão aos afetos. Nestes novos espaços, estudantes e professores(as) tornam-se co-autores(as) na construção de conhecimentos e de vivências em potências. O ensino e a educação audiovisual atuam como um acontecimento afetivo pelos encontros.

Referencias

- Amorim, A. C. R. (2020). Diagramas para um currículo-vida. *Revista Humanidades e Inovação*. Tocantins: UNITINS. v. 8, n. 5, 2020. Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2603>
- Amorim, A. C. R. (2007). Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Revista Teias*, 8(14-15), 12. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23998/16968>
- Dalarosa, P. C. (2011) Caderno de Notas 4: *Pedagogia da tradução: entre bio-oficinas de filosofia*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000820788&loc=2012&l=4662f0337a0a6035>
- Deleuze, G. (2007). *A imagem-tempo: cinema 2* (1a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1995). *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia* (tradução Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa). v. 1. 1a edição. São Paulo: Editora 34.
- Estevinho, L. F. D. (2020) Quando "as coisas" ganham vida: ensinando biologia pela arte. In: Ferreira, M. S., Chaves, S. N., Amorim, A. C. R., Gastal, M. L. A., Bastos, S.N.D.(Orgs.), *Vidas que ensinam o ensino da vida*. (pp. 149-162). São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Ferreira, M. S., Chaves, S. N., Amorim, A. C. R., Gastal, M. L. A., Bastos, S. N. D. (Orgs.) (2020). *Vidas que ensinam o ensino da vida*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Pires, E. G. (2010). A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. *Educação e pesquisa*, 36(1), 281-295. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a06v36n1.pdf>
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

-
- Santos, L. D. (2000). A Biologia tem uma história que não é natural. In: Costa, M. V. (Org), *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...*(2a ed., Cap. 13, pp. 229 -255) Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Sales, T. A.; Vaz, T.; Garlet, F. R.; Estevinho, L. F. D.; Lourenço, K. G.; Borges, N. C. M. (2020). Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. *ALEGRAR*, Campinas, 26, 375-392. Recuperado de <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/>
- Uzêda, L. M. de. (2009). Manoel de Barros e o último adeus de Bernardo. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/18037>.
- Vaz; T.; Estevinho, L. (2020) "Potencia del aullido para existencias singulares en manada. The "Potencia del aullido para existencias singulares en manada". *La Deleuzina - Revista on line de filosofía*. Número especial 1/2020, 12-22. Recuperado de <http://www.ladeleuziana.org/wp-content/uploads/2020/10/3.-Vaz-y-Estevinho.pdf>.